



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FABÍOLA MARTINS PEREIRA

**ESTUDO DE CASO: A AFETIVIDADE COMO FORMA DE COMBATE A
INDISCIPLINA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
MODELO - MUNICÍPIO DE AREIAL – PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

FABÍOLA MARTINS PEREIRA

**ESTUDO DE CASO: A AFETIVIDADE COMO FORMA DE COMBATE A
INDISCIPLINA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
MODELO - MUNICÍPIO DE AREIAL – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação de Departamento do Curso Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436a Pereira, Fabiola Martins.
Estudo de caso [manuscrito] : A afetividade como forma de combate a indisciplina na Escola Municipal de Ensino Fundamental Modelo - Areial - PB / Fabiola Martins Pereira. - 2019.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro", Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Afetividade. 2. Educação. 3. Psicologia educativa. 4. Indisciplina escolar. 5. Gestão educacional. I. Título
21. ed. CDD 370.1

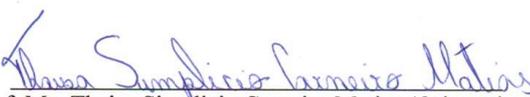
LÍGIA KALLINA SOARES RIBEIRO

CAPITALISMO E SUAS INFLEXÕES NA POLÍTICA DE SAÚDE: DIREITOS
PARA QUEM?

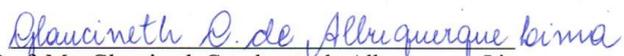
Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Serviço de
Serviço Social da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em
Serviço Social.

Aprovada em: 08/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ma. Thaisa Simplicio Carneiro Matias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Aliceane de Almeida Vieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Glaucineith Cavalcante de Albuquerque Lima
Assistente Social
Centro Regional de Reabilitação e Assistência em Saúde do Trabalhador
(CERAST/PMCG)

À minha filha Maria Teresa, inspiração,
alegria, amor e motivação de todos os dias,
dedico!

“Não se pode falar de educação sem amor.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O QUE ALGUNS AUTORES TRATAM SOBRE INDISCIPLINA.....	08
3	O QUE SIGNIFICA AMORISMO E AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO	10
4	METODOLOGIA	13
5	O DISCURSO DA GESTORA SOBRE INDISCIPLINA.....	14
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
8	ANEXO A – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	27

ESTUDO DE CASO: DESCONSTRUINDO A INDISCIPLINA PARA GERAR A AFETIVIDADE ESQUECIDA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MODELO - MUNICÍPIO DE AREAL – PB

REPORT OF EXPERIENCE IN THE MODEL FUNDAMENTAL MUNICIPAL SCHOOL OF MODERN EDUCATION, OF THE CITY OF AREIAL - PB: DISCONNECTING INDISCIPLINA TO GENERATE THE FOREIGN SCHOOL AFFECTIVENESS

FABÍOLA MARTINS PEREIRA

RESUMO

É sobre afeto, amor, amorismo do ser humano em construção dentro do espaço escolar, e também sobre a ausência destes, que a escola é conduzida a conviver com a (in)disciplina. O presente trabalho debruçar-se-á sobre a presente realidade buscando compreender como a gestão escolar assimila todo esse processo e sua influência. Para tal análise, existe a necessidade de voltar-se para os discentes enquanto pessoas no sentido de entender como se constrói a disciplina dentro da escola a partir da afetividade, qual a influência do afeto entre professor/ aluno na disciplina em sala de aula. Atualmente, a questão da indisciplina no âmbito escolar está sendo muito discutida e vivenciada. E, nessa direção, há vários estudiosos discutindo sobre essa temática, a citar Paulo Freire (2006); Celso Vasconcelos (1996); Fraga (2018); Maturana (2002); Gerônimo (2008), entre outros. E é por essa razão que trazemos para esse estudo a amorosidade, que está muito presente nas reflexões de Paulo Freire e em outros autores para se contrapor à indisciplina, pois acreditamos que onde existe amorosidade não há indisciplina. Tendo isso em vista, o principal objetivo desse trabalho é investigar como a gestão escolar trata os vínculos afetivos no interior da E. M. E. F. – Modelo - no município de Areal – PB; e como objetivos específicos: analisar a indisciplina na visão do gestor da escola, suas causas e consequências na aprendizagem e no trabalho docente; discutir a importância da afetividade na construção de um ambiente saudável dentro da escola; e, por último compreender e considerar propostas de intervenção na escola através do trabalho voltado à afetividade.

Palavras-chave: Afetividade. Indisciplina. Amor. Amorismo. Gestão.

ABSTRACT

It is about affection, love, love of the human being under construction within the school space, and also about their absence, that the school is led to live with (in) discipline. This paper will focus on the present reality seeking to understand how school management assimilates this whole process and its influence. For such analysis, there is a need to turn to the students as people in order to understand how the discipline is built within the school from the affectivity, what is the influence of affection between teacher / student in the discipline in the classroom. Currently, the issue of indiscipline in the school environment is being much discussed and experienced. And in this direction, there are several scholars discussing this theme, quoting Paulo Freire (2006); Celso Vasconcelos (1996); Fraga (2018); Maturana (2002); Gerônimo (2008), among others. And this is why we bring to this study the love, which is very present in the reflections of Paulo Freire and other authors to oppose indiscipline, because we believe that where there is love there is no indiscipline. In view of this, the main objective of this work is to investigate how school management treats affective bonds within the interior of E.

M. E. F. - Modelo - in the municipality of Areial - PB; and as specific objectives: to analyze the indiscipline in the vision of the school manager, its causes and consequences in the learning and the teaching work; discuss the importance of affectivity in building a healthy environment within the school; and, finally, to understand and consider intervention proposals in the school through the work focused on affection.

Keywords: Affectivity. Indiscipline. Love. Amorismo

1. INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em um mundo indiferente e frio, onde o acervo tecnológico está tomando conta da vida das pessoas e, ao que nos parece, estamos deixando de conviver, de amar, de tratar os nossos familiares, nossos amigos, nossos pares como pessoas humanas dignas de amor e de respeito. E, certamente, a indiferença, a frieza e o individualismo acirrado adentraram à escola, de uma forma ou de outra, por isso nos preocupamos com essa temática da Indisciplina.

Não há dúvidas, nesse sentido, que somos seres carentes de afetividade e que esta carência relaciona-se com o fato de que somos sujeitos inconclusos, com necessidades de aprendizagem alimentadas pela prática de pesquisa, investigação e compreensão do mundo em que vivemos. Sendo esta aprendizagem o fio condutor que nos proporciona o conhecimento da cultura de cada sujeito, e o mais interessante, a percepção enquanto seres em construção permanente.

Diante disso, o ser humano em permanente construção, participa de inúmeras relações que contribuem para esse processo, pois todas elas estão ligadas à afetividade; quando nos unimos a um grupo de pessoas para estudar, ler, conversar, pesquisar e refletir, estamos claramente dando abertura às relações afetuosas; quando elegemos e fazemos questão de realizar trabalhos (seminários, projetos, artigos, entre outros) com um grupo específico de pessoas dentro do campo acadêmico ou da escola, essa escolha é decorrente do fato de havermos desenvolvido junto a elas algum tipo de laço afetivo e amorosidade, e este nos leva a uma significativa produção pelo bom entendimento e simpatia nas relações entre as pessoas desse grupo.

É sobre afeto, amor, amorismo do ser humano em construção dentro do espaço escolar, e também sobre a ausência destes, que a escola é conduzida a conviver com a indisciplina. O presente trabalho debruçar-se-á sobre a presente realidade buscando compreender como a gestão assimila todo esse processo e sua influência. Para tal análise, existe a necessidade de voltar-se para os discentes enquanto pessoas no sentido de entender como se constrói a disciplina dentro da escola a partir da afetividade, qual a influência do afeto entre professor/ aluno na disciplina em sala de aula.

Tendo isso em vista, o principal objetivo desse trabalho é investigar como a gestão escolar trata os vínculos afetivos no interior da E. M. E. F. – Modelo - no município de Areial – PB; e como objetivos específicos: analisar a indisciplina na visão do gestor da escola, suas causas e consequências na aprendizagem e no trabalho docente; discutir a importância da afetividade na construção de um ambiente saudável e, de certa forma, tranquilo e favorável à aprendizagem cognitiva e social na escola; e, por último compreender e considerar propostas de intervenção na escola através do trabalho voltado à afetividade.

2. O QUE ALGUNS AUTORES TRATAM SOBRE (IN)DISCIPLINA¹

A (in)disciplina é um problema bastante presente dentro do ambiente escolar, crianças e adolescentes cada vez mais distantes de uma relação tranquila e favorável com seus educadores. Os alunos não colaboram para um efetivo e adequado trabalho do docente, e por vezes alguns educadores também não estabelecem um vínculo de confiança e de respeito em sala de aula. Como também relações de participação e de interação nas aulas que, na maioria das vezes são ministradas com muita formalidade, com discursos artificiais que tornam a relação aluno/professor cada dia mais fria. E com essa relação um tanto distanciada, fica difícil manter a turma disciplinada, que ouça as aulas com atenção, que tenha interesse significativo em aprender, e que entenda a importância do respeito necessário para uma convivência saudável dentro da sala de aula.

É possível prever que os motivos que levam à indisciplina podem ser os mais diversos, mas, é necessário considerar a afetividade nesse contexto. A família é a primeira instituição na qual a criança habita e interage, afora a igreja e a escola; e se refletirmos acerca da desestruturação familiar, consideraremos que a (in)disciplina dos alunos pode iniciar-se neste meio, isso graças à falta de limites gerada pela ausência de regras, realidade caracterizada como “crise dos limites” conforme enfatiza Vasconcelos (1996).

Conseqüentemente, ao chegar no interior da escola, o discente terá resistência em compreender como se dão as relações nesse contexto, e respeitá-las. Essa ausência de compreensão e respeito afetará a relação aluno/professor já que o último desempenhará o papel de mentor no processo disciplinar, o que, provavelmente, gerará situações desagradáveis e difíceis de resolver.

Para auxiliar na compreensão de um assunto bastante complexo como a (in)disciplina é de grande valia considerarmos os estudos de Vasconcelos (1996) quando ele afirma que:

Antes de mais nada, é preciso compreender que houve profundas mudanças na escola, na sociedade e nas suas relações. Parece difícil aos educadores darem-se conta disto. O saudosismo ou o espírito de acusação estão muito fortes no cotidiano da escola. Agredidos, procuram inconscientemente algum alvo onde possam descarregar suas mágoas, suas incompreensões. Sempre que pensamos em disciplina, logo nos vêm à mente as idéias de limites (restrição, frustração, interdição, proibição etc.) e de objetivos (finalidades, sentido para o limite colocado). A nosso ver, a crise da disciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que estamos vivenciando (VASCONCELOS, 1996, p. 231).

Podemos admitir que o problema da (in)disciplina na escola vai muito além da capacidade do professor de conseguir colocar limites nos seus alunos, como lemos, a realidade escolar mudou fortemente, falta respeito, e cada vez mais aumenta a carência de interação entre professor aluno envolvida de mais afeto, de amor. A relação professor/aluno, aluno/professor se tornou mecânica, vista como trabalho e produto, quando na realidade o espaço da sala de aula requer amizades sinceras e convívio afetivo entre docente e discente.

Hoje, não basta ministrar aulas, querer alunos interessados somente em estudar, é preciso que a aprendizagem sirva para toda a vida. E, em razão disso, é preciso reconhecer que os discentes chegam em sala com um turbilhão de emoções e acontecimentos e

¹ Segundo Aquino (1999),” O conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade”.

interessados em compartilhá-los, sobretudo, quando não se dá essa abertura no contexto familiar. Daí compreender o que os estudos estão a nos dizer, não se aprende, apenas, exigindo muito da mente, já que é imprescindível conquistar o aluno pelo “coração”, isso só se tornará possível se o aluno se sentir amado, se este perceber o interesse por parte do docente em adentrar na sua vida emocional. Assim, talvez, poderemos encontrar uma saída significativa para um mundo imensamente desinteressado, o do aluno, que precisa ver sentido para estar na sala de aula!

Como resultado de tudo isso, temos professores desestimulados, sentimentalmente desestruturados, com autoestimas baixas, com “sensação de não - poder” segundo Vasconcelos (1996), uma ideia do não ter forças para combater esses problemas, professores com sentimento de impotência e com discursos vazios pela falta de interesse dos alunos, e pela indisciplina exorbitante em sala de aula. Como também de modificar as realidades e as condições dos próprios alunos, muitas vezes de extrema pobreza, impedidos de ascender por suas condições, e o professor por sua vez, sentindo-se desesperançado não procura condicionar essa ascensão.

Por outro lado, torna-se importante partir do princípio de que, segundo Paulo Freire (2006), “ensinar exige querer bem aos educandos”, a partir do momento em que me comprometo com a aprendizagem de meus alunos, sem ser um ser nem amargo, nem tampouco, adocicado, mas cômico de que ao me tornar alegre não serei antiético com os meus alunos e nem abandonarei a minha rigorosidade, enquanto professor comprometido com a educação.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores e educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da ‘morte da história’ propõe (FREIRE, 2006, p. 143).

Nesse sentido, faz-se necessário retomar a ideia de Paulo Freire de que o professor precisa compreender que a alegria e a afetividade fazem parte da prática educativa e que estas não podem ser desconsideradas, em detrimento da formação científica séria. E, em vista disso, o professor deve ser, como já dito anteriormente, um profissional comprometido politicamente com a educação, responsável por sua profissão, pelo seu ofício de ensinar, buscar incansavelmente amenizar as situações e os problemas. E procurar, mesmo numa situação desfavorável, fazer seus alunos aprenderem, pois isso é um direito deles, independente de suas circunstâncias, o professor é responsável por condicionar esse aprendizado, mesmo que necessite de palavras estimulantes, de valorização e de reconhecimento.

E a partir disso, possa estabelecer com confiança e afetividade, relações de proximidade com seus alunos mesmo sabendo que a família não cumpre com seu dever. Enquanto educador deve levá-los a compreender e a perceber que comportamentos indesejados e impróprios não cabem no espaço escolar, valendo-se do diálogo, sempre que necessário, de modo que possa conviver pacificamente em sala de aula e fora dela. Sabendo que desafios existem em toda e qualquer profissão.

Como vimos, os desafios a serem enfrentados são enormes. Se não encontrarmos um clima favorável nem entre os companheiros de trabalho, fica muito difícil manter o ânimo e a esperança de que as coisas podem de fato mudar (VASCONCELOS, 1996, p. 251)

É importante salientar também a relevância do “bom” convívio dos profissionais dentro do ambiente de trabalho, buscando a união pelo bem comum que é modificar essa realidade extremamente difícil. O convívio harmonioso faz toda diferença em qualquer meio social, na escola, na família ou no trabalho. O afeto, “amorosidade” e sensibilidade demonstrados ao outro podem modificar gradativamente o desenvolvimento cognitivo e facilitar as aprendizagens. E porque não as perspectivas de vida? Sim, as perspectivas de vida!

3. AMORISMO E AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Se pensarmos nas nossas relações interpessoais (família, escola, trabalho, etc) utilizando como ponto de reflexão, o afeto, e considerando que a afetividade é um elemento presente e indissociável, poderemos iniciar oportunos questionamentos a respeito, como: como a gestão escolar trata os vínculos afetivos no interior da escola para minimizar a (in)disciplina na E. M. E. F. – Modelo - no município de Areial – PB? Que relação afetiva a família constrói com a criança? E a escola? E os professores? E os alunos uns com os outros? É possível a afetividade estar relacionada à indisciplina dentro da sala de aula? E nossa postura enquanto educador está distante e indiferente ou imersa dentro de relações afetivas com os alunos? E por último, é possível erradicar a indisciplina ao criar vínculos afetivos com os alunos? Tais questionamentos são de grande importância para esse trabalho de pesquisa. Dessa forma “amorismo” é a partir de Souza, Miguel e Lima (2010):

Sousa, Miguel e Lima (2010) trabalham a pedagogia do afeto, que, para eles, está vinculada ao zelo, cuidado e respeito pelo outro e recusa as atitudes de desafeto, prestigiando a vida em todas as suas dimensões, por meio de relações de amor que propiciem aos estudantes e professores entrar em contato com emoções e conservar a coexistência social. (apud FRAGA, 2018, p. 96)

Segundo Fraga (2018), diante de tantos momentos de crise que estamos vivenciando, como carência de afeto, relações desestruturadas, é imprescindível que pensemos sobre nossas relações interpessoais e sobre nossa postura enquanto educador diante de tanta desvalorização do espaço escolar e suas relações que geram tantas crises, entre elas a indisciplina.

Partindo do que foi dito, pensar nessas relações, requer reconhecermos que a afetividade permeia todas elas, Tassoni (2011) afirma que:

[...] Em toda aprendizagem existem vínculos de afetividade, já que ela ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular, e, referente à aprendizagem escolar, a trama que se dá entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, etc., não acontece somente no campo cognitivo, pois a afetividade permeia estas relações (apud FRAGA, 2018, p. 96).

Conforme o pensamento acima mencionado, a afetividade está presente em todas as relações e espaços, sejam familiares, escolares, profissionais. No convívio diário entre alunos e professores, a afetividade permeia e determina os processos nos quais a criança está inserida. Isso implica pensar que o educador jamais pode negar esse vínculo, tendo em vista que o conhecimento a respeito e a aceitação deste pode contribuir significativamente para uma “boa” convivência e conseqüentemente no bom desenvolvimento cognitivo do aluno, e no bom trabalho docente. O autor Marchand (1985) afirma que:

[...] resultado da posição sentimental do mestre: o autoritário provocará o temor inibitório do aluno; o que procura se fazer amar provocará na criança reações de complacência; aquele que se mostra maldoso despertará sentimentos e atitudes de oposição que levarão a uma educação contrária à desejada (MARCHAND, 1985, p. 18 apud FRAGA, 2018, p. 100).

O amor faz do outro alguém legítimo na convivência, e as interações recorrentes do amor ampliam e estabilizam a convivência; já as interações vindas da agressão interferem e rompem a convivência (MATURANA, 2002). Proporcionar aos alunos momentos de partilha, de abertura, de confiança e de carinho pode melhorar o ambiente e a compreensão da necessidade do respeito e da disciplina dentro do espaço escolar e em qualquer outro. Pela reflexão acerca do funcionamento de nossas relações, conseguiremos perceber os processos até chegarmos a uma amizade com alguém, a dividirmos particularidades. Todavia sabemos que isso somente acontece depois que estabelecemos uma abertura afetiva com outras pessoas, e assim começamos a considerar as necessidades dentro dessas relações.

Toda essa ligação, só serão possíveis se existir a afetividade, visto que as emoções possuem relevância para o ser humano em si, como afirma Wallon segundo FRAGA, (2018):

Wallon coloca três aspectos importantes para o desenvolvimento da criança: motora, afetiva e cognitiva, que agem de maneira integrada e complementar entre si (DANTAS, 1992). Sendo assim, não existe desenvolvimento cognitivo sem trabalhar as emoções. É o desejo e a vontade de aprender que levam a criança a querer buscar o conhecimento. Portanto, o afeto é o ponto de partida para provocar o desejo de aprender no educando (apud FRAGA, 2018, p. 96).

Então, faz-se necessário que o professor compreenda e se conscientize que o afeto é o ponto de partida para provocar o desejo de aprender no educando e que os laços afetivos são importantes e por isso precisam ser construídos e cultivados na relação professor/aluno aluno/professor. De nada adianta estar dentro da sala como um mero “dador” de aulas, sem saber lidar com esses laços afetivos, desconsiderar isso, é também desconsiderar sua formação docente.

O diálogo, a relação afetiva com os alunos em sala de aula antes de estar designada nas páginas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já é um discurso muito bem presente no livro: *Pedagogia da Autonomia* (2006) e em outros de seus inúmeros livros.

A nona competência da BNCC – Base Nacional Comum Curricular traz em seu texto que é necessário exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade

de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Considerar os alunos enquanto seres humanos ativos dentro da sala de aula é uma atitude incondicional. Jamais agir de forma indiferente ou sem sentimentos para com os alunos. O professor deve ter abertura de diálogo para com a sua turma para deixá-los à vontade e também compreender necessidades, dificuldades, problemas, anseios e limitações por parte de seus educandos. E o amorismo nessas relações entre professor/aluno nada mais é do que ter uma relação sincera de amor dentro do seu trabalho, demonstrar ser afetivo para com eles, por excelência, querer estar próximo nas diversas áreas da vida do aluno.

Fraga (2018) em sua pesquisa com alunos de uma escola conseguiu concluir que professores que demonstram mais afetividade conseguem obter um melhor desenvolvimento da aprendizagem e do respeito em sala de aula. Os próprios alunos, afirmaram ter mais afinidade, respeito, e convivência mais feliz com professores que lhes tratam com carinho, atenção e amor, e isso mostra como a afetividade é um elemento fundamental nas relações sociais. Esse elemento fundamental também está nas palavras de Gerônimo, (2008):

O ser humano é tão frágil quanto é capaz de superar dificuldades, nas mais diversas relações interpessoais. Um exemplo real pode ser a privação do afeto durante a aquisição e desenvolvimento da linguagem, que sendo revisto em tempo pode auxiliar na reconstrução dessas relações. O bebê possui necessidades básicas que só serão supridas com o auxílio de um adulto, como a alimentação, o banho etc. Esses cuidados requerem total afeição, pois envolvem a interação da mãe, em especial, com a criança. Assim como um simples olhar pode modificar o sabor do alimento. A criança carece de olhares de aprovação e demonstração de afeto, que responde com alegria, demonstrada por meio de sons verbais e expressões. Essa relação de afetividade encoraja o bebê a falar cada vez mais, com segurança e persistência (GERÔNIMO, 2008, p. 89).

Na expressão dos primeiros gestos e vontades notamos a presença marcante e indiscutível do afeto. E que perdura em todos os momentos vitais, CONFORME Wadsworth, (1996):

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo do desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará[...]. [...] Muitas pessoas acreditam que os aspectos afetivos da vida humana surgem de alguma fonte interna, de forma mais ou menos predeterminada. Para Piaget, o aspecto afetivo não é mais predeterminado do que a inteligência, propriamente dita. Na sua visão, há notável paralelo entre os aspectos afetivo e cognitivo. Primeiro, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência (WADSWORTH, 1996, p. 23).

Mediante o que foi dito, podemos compreender que nada é predeterminado, nem a inteligência, nem o afeto, porém um estará sempre interligado ao outro, e os dois se

desenvolvem em um mesmo sentido, ou seja, um condiciona o outro, dá condições para que os dois entrem em equilíbrio. Ainda podemos confirmar em Wadsworth (1996):

Piaget argumentou, também, que todo comportamento apresenta ambos os aspectos: o afetivo e o cognitivo. Não há comportamento cognitivo puro, como não há comportamento afetivo puro. A criança que “não gosta” de matemática não faz rápidos progressos. Em cada caso o comportamento é influenciado pela afetividade (WADSWORTH, 1996, p. 24).

Aqui está o ponto que desejamos refletir, comportamento! Se os autores acima afirmam o afeto como fator considerável para o desenvolvimento das múltiplas áreas e funções, e mais ainda do comportamento, podemos assim incorporar à temática envolvida nesta pesquisa, a indisciplina! E assim, constatarmos que a indisciplina pode ser combatida através do afeto, logo que este interfere em todos os contextos do indivíduo.

Para Freire (1996 p. 42), “Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno, com um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. Essa realidade é perceptível nas diversas práticas educativas que se dão de maneiras distintas e nos mais diferentes espaços. A organização é feita buscando sempre o planejamento e a aplicação de metodologias que priorizem a realidade na qual os alunos estão inseridos, numa tentativa de ampliar os saberes e torna-los acessíveis à compreensão dos educandos.

4. METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho se centra numa pesquisa qualitativa, do tipo **estudo de caso**², tendo sido utilizado como técnica de coleta de dados o gênero textual entrevista. Para tal, fora utilizado um aparelho de gravação. A entrevistada foi a Gestora na Escola Municipal de Ensino Fundamental – Modelo – no município de Areial – PB, sendo esta escolhida por se tratar de uma escola da rede pública que possui turmas com o ensino fundamental I.

A Escola apresenta um número de alunos bastante significativo apesar de ser uma escola de pequeno porte. São cerca de 286(duzentos e oitenta e seis) alunos, sua estrutura funcional é formada por 12(doze) professores, e 26(vinte e seis) funcionários ao todo. Quanto à estrutura física, possui 6(seis) salas que acomodam 12(doze) turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental; possui 2(dois) banheiros sendo 1(um)comum para meninos e meninas, e 1(um) para crianças com necessidades específicas; 1(uma) secretaria e 1(uma) sala de apoio; no momento, não possui sala de informática pois foi desativada em decorrência da falta de equipamentos que funcionem.

A pesquisa foi realizada a partir dos dados fornecidos pela Gestora que relatou sua experiência com a (in)disciplina em sua Escola. Durante a gravação, a mesma se mostrou disponível e nos passou total confiança ao relatar exemplos e ocorrências na Escola. Para concretizar os dados fornecidos direcionamos o nosso trabalho para uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, partindo da constatação da (in)disciplina que, de uma forma ou de outra, se faz presente neste espaço escolar/sala de aula. Utilizando como técnica de coleta de dados a entrevista que foi estruturada tomando como base cinco perguntas. A entrevista teve uma duração aproximada de cinquenta minutos, e nesta a Gestora respondeu claro e

² “o estudo de caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17).

discursivamente as cinco perguntas relacionadas à indisciplina, os fatores de contribuição para a sua existência e as possíveis metodologias para o seu combate e contenção.

5. O DISCURSO DA GESTORA SOBRE (IN)DISCIPLINA

1. Fale-me um pouco sobre sua experiência como gestora/professora e dentro dessa experiência, queremos saber se há problemas de Indisciplinas na escola. Caso haja, queremos que você aponte as principais dificuldades enfrentadas com relação à indisciplina do (a)s aluno(a)s?

“Hoje, hoje a gente tem uma realidade de famílias diferentes né, eu sempre sento com meus professores e a gente sempre conversa assim, quando a gente era criança, a forma como a gente foi criado, como a gente estudava. O que está acontecendo é a falta de respeito, hoje a gente fala com as crianças, elas nos respondem e até ironizam o que você vai falar, esse respeito entre professor e aluno deixou de existir, e eu sinto muita dificuldade em relação à família, sem a família contribuir, esses casos que a gente tem de problemas na Escola quando a gente busca a família ela nunca vem, ela não corresponde tá entendendo? Então, assim, eu atribuo isso muito a família, porque a gente tenta, é aquela coisa, a gente tenta fazer o possível enquanto escola, porém a gente não vai ser nunca cem por cento, porque a gente tem nossas responsabilidades, mas os pais tem que entender que a escola não é um depósito de criança, eles tem que entender que a escola vai fazer a parte dela e eles tem que contribuir porque se eles não fazem a parte deles, a gente não vai conseguir. Precisamos da família, a família na escola, ela é essencial. É porque agora eles estão entendendo que a escola é para resolver tudo, em relação a saúde, a todos os setores na educação e não é! A escola ela amplia saberes, mas educação é pai e mãe que tem que dar, e a gente infelizmente sofre porque a gente não consegue devido a isso, devido a participação da família”.

2. A partir dessas dificuldades enfrentadas, a que ou a quem você atribui esse problema da Indisciplina na escola? Cite-os.

“Aqui no Modelo, a gente usa muito o diálogo com todo mundo, é que nem eu disse a você no início, quando eu vou em ‘socorro’ do conselho tutelar é em última instância, que a gente não tá, não resolve vamos dizer assim né, porque a gente conversa muito, a gente tenta resolver no diálogo professor aluno, a gente senta, chama os pais na escola, uma medida que eu tomei na Escola, por exemplo: o aluno é, eu recebi um aluno do quinto ano, que ele chegou na sala de aula e falou assim:— Professora hoje eu não vou fazer nada, eu vou dormir. Aí a Professora me chamou e disse: — Diretora, fulano disse que hoje não vai fazer nada, que ia dormir, e ele tá dormindo. Aí eu chamei ele junto com a coordenadora, a gente sentou. Conversei com ele, perguntei o porquê, e ele disse: — Porque eu não quero! Bem, então você vai fazer o seguinte, se você quer dormir você vai para casa dormir e amanhã você me volta aqui com o seu pai, pra gente conversar e eu entender porque que você não dormiu e você tá querendo dormir na Escola né. É o meio que a gente encontrou pra ver se a gente traz esses pais pra escola, e eles saibam porque que tá acontecendo isso. Aí ele foi pra casa sem problema, foi pra casa, depois a madrasta, que ele é criado pela madrasta dele, ela veio e a gente conversou e passou pra ela o que tava acontecendo, porque uma criança na Escola ele não ia dormir né, a escola não é feita pra dormir, então a gente consegue fazendo isso, “oh você vai, amanhã você vem com sua mãe que a gente tá precisando conversar com ela, para saber o que tá acontecendo” porque tem a questão do Bolsa família e os pais se

preocupa “ah tá faltando”, Bolsa família, eles acham que o aprendizado do aluno não é importante, mas o Bolsa família é! Então tem que estar lá, tá entendendo? Então, o fato deles, quando manda para casa que tem que vir, porque sabe que ele (o aluno) vai levar falta então a preocupação não é com o aprendizado, mas em perder o Bolsa família, mas a gente tá conseguindo dessa forma, porque não vão ter justificativa para dar naquela falta”.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES: O DISCURSO DA GESTORA

A Gestora é uma pessoa muito jovem e uma profissional extremamente comprometida e envolvida com a sua profissão, é também uma profissional bastante dedicada nas suas atividades, tanto é que deixa transparecer preocupação com os problemas relacionados às questões pedagógicas na Escola onde atua. No seu discurso, afirma estar sempre disposta a entender, atender e ajudar os alunos em suas prementes necessidades no interior da escola.

. Ao demonstrar compreender que, no seu papel, a mesma regula e é regulada pelas normas do setor competente, de modo que ela apresenta um modelo de administração místico, englobando o Gerencial, Compartilhado e Democrático.

Dito de outra forma é um modelo de Gerência Compartilhado porque busca promover a participação e o conhecimento da comunidade sobre a Gestão. É gerencial porque segundo Lima (2001,) busca a participação da comunidade, porém a última decisão é tomada por ela. É democrática, pois segundo Lima (2001), propicia a participação da comunidade local, conselhos escolares ou equivalentes.

Ao retomar a primeira pergunta direcionada a Gestora;

1. Fale-me um pouco sobre sua experiência como gestora/professora e dentro dessa experiência, queremos saber se há problemas de Indisciplinas na escola. Caso haja, queremos que você aponte as principais dificuldades enfrentadas com relação à indisciplina do (a)s aluno(a)s?”

“Faz dois anos que eu estou como Gestora dessa Escola né, já passei outros anos em outras escolas na zona rural, com um número de alunos bem menor, porém, aqui no Modelo como já falei, o espaço dessa Escola é complicado para se trabalhar, porque agente tem um número de alunos grande, a demanda de aluno é grande, porém o espaço a gente se limita, até na hora das brincadeiras, a gente tem que separar as turmas, quando eu faço coletivo tenho que separar meninos de meninas, não por discriminação, mas porque os meninos são mais violentos nas brincadeiras do que as meninas, então para que não se machuquem tem que haver essa divisão de turmas, então acredito que essa seja a maior dificuldade. A minha equipe graças a Deus, de professores são excelentes, todos capacitados, todos com graduação, tem uns que já concluíram, outros com especialização, a equipe de apoio também, tenho cuidadora na escola, uma coisa que me preocupa muito é o número de alunos especiais que eu tenho, e eu só tenho uma cuidadora, e a demanda é grande, porque eu tenho três crianças com laudo de manhã, e três crianças com laudo a tarde, fora as que não tem laudo, mas que precisa também de uma atenção, não tem como! Cadeirante, um de treze anos que é praticamente um bebê, tem que ir se limitando com o que a gente tem. Sempre tem alunos indisciplinados, porque o número de alunos que eu tenho é grande, se eu dissesse que não tem estaria mentindo, tem um controle, mas quando foge do controle procuramos o conselho tutelar, o mais grave, mais urgente, encaminhamos a criança, e em conjunto tentamos resolver essas situações”.

A gestora afirma que uma grande dificuldade para administrar a escola se deve ao fato do número de alunos e o espaço da Escola ser desproporcional. E no seu discurso, quando indagada, afirmou que, devido à indisciplina, surge a necessidade de separação dos alunos durante as brincadeiras, separando principalmente os meninos das meninas e não por preconceito, mas devido os meninos serem mais violentos do que as meninas.

No que diz respeito à postura da gestora em separar meninos e meninas acreditando minimizar as situações de violência, este não nos parece ser o caminho mais adequado. Como sugestão pensamos na possibilidade de a gestora buscar oportunidades para fazê-la repensar a sua forma de agir na escola, ou até mesmo uma discussão sobre a visão da figura do gestor (a), em sentido amplo e não apenas naquele espaço escolar. Em se tratando do conceito de indisciplina, vimos a necessidade de trazer para o contexto em análise, uma discussão mais aprofundada sobre afetividade e amorosidade para todos que fazem a comunidade escolar. Acreditando que, só assim, poderiam todos juntos refletirem sobre essa questão, e de certa forma contribuir para minimizar essa grande problemática da indisciplina no âmbito escolar.

A gestora afirma também que, “os professores da Escola são muito bem capacitados”, porém há a necessidade de mais apoio para com as crianças com necessidades específicas, e cita também a necessidade de relações mais próximas entre professor/aluno, e de mais respeito entre aluno/professor.

O discurso da gestora, quando a mesma assegura que seus “professores são muito bem capacitados”, há preocupação em buscar para o corpo docente de sua escola formações continuadas. Isso nos alegra por entendermos que, de nada adianta, ter formação, graduação, pós-graduação, se não há leituras, atualizações de pesquisas, participações em eventos acadêmicos, os quais oportunizam reflexões pertinentes a diversas temáticas, que podem ressignificar as práticas pedagógicas em salas de aula e fora dela.

A professora no exercício da prática docente é portadora de uma teoria adquirida em seu curso de formação inicial, teoria atualizada a cada dia, em sua relação com as crianças na sala de aula e com as suas colegas professoras nas reuniões pedagógicas, nas experiências que vive dentro e fora da escola, nas leituras que faz, nos cursos de que participa, nas reflexões que produz. A cada sucesso ou fracasso, ela se faz perguntas, para as quais busca ou constrói respostas explicativas sobre o sucesso ou fracasso. Ao se tornar pesquisadora vai se tornando capaz de encontrar/construir novas explicações para os problemas que enfrenta no seu cotidiano (GARCIA, 1996, p. 21).

Essa autora traz uma grande contribuição para essa reflexão, quando a gestora precisa atentar para a questão da professora pesquisadora e nessa direção, o discurso da gestora não se coaduna com o de Garcia (1996), quando ela afirma que os problemas relacionados aos alunos e a indisciplina fogem de sua possibilidade de resolução dentro da Escola.

Vale ressaltar que o papel de um gestor não se centra apenas nas questões administrativas, pois as questões pedagógicas são de extrema importância, considerando a função social da escola que não é de responsabilidade só dos professores, mas da escola como um todo.

É preciso ponderar, quando no discurso da gestora ela diz acionar o Conselho Tutelar da Cidade, sempre que necessário. A nosso ver, não se deve recorrer ao Conselho Tutelar de forma aleatória, como se só isso bastasse, ou como se conseguisse resolver determinados

problemas. A esse respeito, apresentamos como proposta de trabalho, que a escola proporcione palestras e discussões com esses órgãos, no interior da escola, de forma que beneficie a escola e as próprias famílias.

A partir destas afirmações, percebemos uma gestora responsável, comprometida com suas obrigações e deveres, mas também consciente de suas limitações. A mesma, apresenta também em seu discurso, palavras de sabedoria e reflexão que facilitam a sua atuação em conjunto com todo o quadro de funcionários da escola. Há compreensão e participação de todos na busca por soluções para os problemas existentes no espaço escolar.

2. A partir dessas dificuldades enfrentadas, a que ou a quem você atribui esse problema da Indisciplina na escola? Cite-os:

““Hoje, hoje a gente tem uma realidade de famílias diferentes né, eu sempre sento com meus professores e a gente sempre conversa assim, quando a gente era criança, a forma como a gente foi criado, como a gente estudava. O que está acontecendo é a falta de respeito, hoje a gente fala com as crianças, elas nos respondem e até ironizam o que você vai falar, esse respeito entre professor e aluno deixou de existir, e eu sinto muita dificuldade em relação à família, sem a família contribuir, esses casos que a gente tem de problemas na Escola quando a gente busca a família ela nunca vem, ela não corresponde tá entendendo? Então, assim, eu atribuo isso muito a família, porque a gente tenta, é aquela coisa, a gente tenta fazer o possível enquanto escola, porém a gente não vai ser nunca cem por cento, porque a gente tem nossas responsabilidades, mas os pais têm que entender que a escola não é um depósito de criança, eles têm que entender que a escola vai fazer a parte dela e eles tem que contribuir porque se eles não fazem a parte deles, a gente não vai conseguir. Precisamos da família, a família na escola, ela é essencial. É porque agora eles estão entendendo que a escola é para resolver tudo, em relação a saúde, a todos os setores na educação e não é! A escola ela amplia saberes, mas educação é pai e mãe que tem que dar, e a gente infelizmente sofre porque a gente não consegue devido a isso, devido a participação da família””.

A Gestora demonstrou em seu discurso ter entrosamento e diálogo com os alunos, e afirmou procurar sempre entender o que os leva a apresentarem certos comportamentos, afirmando a necessidade de relações mais próximas e afetivas entre os professores e os alunos. Porém, uma das maiores responsabilidades é atribuída aos pais, ou a própria família³ que, geralmente, não corresponde à real participação na educação dos filhos em casa e na escola. Mas segundo Vasconcelos (1996) é necessário considerar que:

Cremos que está suficientemente claro como a família também é vítima deste processo: de centro de convivência e espaço de formação básica do ser humano transformou-se, na ótica da classe dirigente, em unidade de restabelecimento de força de trabalho e de consumo. Impelidos, por um lado, para o trabalho em função da queda progressiva dos salários e, por outro, massacrados pelos meios de comunicação, os pais acabam caindo no círculo vicioso: desejo de consumo, busca de recursos, mais trabalho, menos tempo de convivência com filhos, culpa, menos limites, liberação para consumo mais necessidade de recursos... (VASCONCELOS 1996, p.233-234)

³ Hoje o modelo de Família não é mais o modelo tradicional: pai, mãe e filhos. Temos tias, tios, avôs e avós com a guarda dos menores, provendo a educação das crianças (GRIFOS DO AUTOR).

Dessa forma, cabe salientar que não se pode atribuir culpa somente à família, que também é vítima. O sistema capitalista que envolve nossa realidade, faz com que todos os dias nossa preocupação maior seja conseguir meios de sustento e de consumo. Uma realidade, na qual os filhos querem cada vez mais consumir, e tudo que querem os pais são obrigados a dar, dessa forma, tornam-se escravos de um “círculo vicioso” no qual se trabalha horas e horas para ter e dar o direito de consumir aos filhos, e assim consomem o tempo todo para novamente passar horas e mais horas vivendo para o trabalho, e assim esse círculo está sendo a todo momento alimentado pela vontade dos filhos. A partir disso compreendemos a importância de não esperar e nem atribuir tanta culpa à família, mesmo sabendo que ela é a maior responsável pela vida e conduta dos filhos, seja onde for.

A gestora afirma também que a família, mesmo depois de tanto tempo, ainda não compreendeu que a escola não é um depósito de crianças, e tampouco responsável para resolver todos os problemas da criança. A própria Gestora comprova em seu discurso ter conhecimento acerca do papel da escola, o de “ampliar saberes” como diz ela, e não de deslindar complicações advindas do meio familiar e, conseqüentemente, desembocadas de forma negativa nas aprendizagens, desenvolvimentos e socializações no meio escolar!

Mas é necessário também considerar as responsabilidades da própria escola, uma delas é a de garantir o aprendizado dos alunos. Sabemos o quanto é difícil esse dever, porém, mesmo em meio a essas limitações, cabe aos profissionais rever constantemente as práticas e a postura em sala de aula, de forma que deixe transparecer segurança, esperança, responsabilidade e dedicação para com seu ofício, independentemente do perfil de seus alunos e de suas famílias.

O diálogo aberto, a proximidade com os alunos e a reciprocidade evidentes na postura da gestora, bem como a necessidade de responsabilização (não somente) das famílias, estão presentes nas questões citadas por Vasconcelos (1996) ao apresentar o tópico intitulado *Resgate das exigências* tais como:

[...] Construção coletiva das normas da escola e da sala de aula; Resgate do autêntico diálogo, que não é nem o "sermãozinho" particular, nem o "passar a mão na cabeça" como se nada tivesse acontecido; Trabalhar com sanções por reciprocidade, superando a punição autoritária, bem como o clima de impunidade; Educadores (pais, professores etc): estabelecer e cumprir limites; Superar as normas equivocadas ou ultrapassadas; Desenvolver uma metodologia participativa em sala de aula; Compromisso do professor (dar o melhor de si, não faltar, etc.); Criar clima de respeito na escola; Conquistar e ocupar bem o espaço de trabalho coletivo constante na escola; Aluno assumir a responsabilidade coletiva pela aprendizagem; Aluno participar ativamente das aulas, expressar suas necessidades; Família resolver os eventuais conflitos diretamente com a escola e não através do filho (VASCONCELOS, 1996, p. 244).

Assim, percebemos que, segundo Vasconcelos (1996), a Escola não deve se colocar, por meio da gestão, posicionando-se de uma forma extremamente autoritária para buscar e/ou tentar resolver, solucionar e/ou minimizar seus problemas internos. Como também, não pode largar e mão de seu papel, de sua função social na qual está presente sua responsabilidade com o desenvolvimento humano e aprendizagem dos alunos numa perspectiva de envolvimento da família que, torna-se de fundamental importância. Por quê? Porque a presença da família na resolução dos conflitos é relevante e a torna corresponsável no processo, visto que o próprio aluno não pode responder por si mesmo. A família precisa assumir essa responsabilidade pela aprendizagem dos alunos que perpassa por diversos

fatores, inclusive pela questão da indisciplina na escola e fora dela. Em contrapartida cabe à escola trabalhar a afetividade dentro das relações em sala de aula.

Fraga (2018):

A neurociência trabalha a ideia de que é necessário fazer uso da expressão de emoções na educação. Para Consenza e Guerra (2011), expressar emoções é importante para o aumento da aprendizagem, pois diminuem problemas de disciplina e preparam indivíduos mais capazes para viverem a vida em sociedade e atingirem plenitude em suas realizações pessoais. (FRAGA, 2018, p. 96)

A gestora afirma, ainda, que costuma sempre refletir junto aos professores e funcionários, a respeito das diferenças no relacionamento entre alunos e professores, seja no tempo em que estudava, seja na atualidade. Ela enfatiza que o temor, o respeito, a vigilância dos alunos para com os professores deixou de existir, e isso se comprova quando, ao falar algo “sério”⁴ com os alunos eles não demonstram respeito pelo que está sendo dito, ficam “remendando”, ou seja, repetindo, ignorando, fazendo piada ou ridicularizando a fala do professor. Isso jamais aconteceria no tempo em que estudavam, frisa bem a gestora, pois a educação vinda de casa era a que independente do que acontecesse, estando certo ou errado, o professor era sempre o mestre, o orientador a quem o aluno deveria sempre ter o maior respeito e temor.

Partindo de suas palavras, podemos perceber uma forte preocupação em resolver esses problemas, mas não há o comprometimento em oferecer subsídios mais concretos que tratem esses conflitos de maneira a resolvê-los significativamente. Toda essa preocupação da gestora deixa transparecer que fica só no discurso, quando deveria oportunizar palestras com profissionais aptos para tratar da temática do respeito com toda a escola, no sentido de tentar mudar a realidade na qual a escola se encontra e não somente reconhecer que há necessidade e que os problemas existem e continuam aumentando.

Para isso, Vasconcelos (1996), também reflete sobre a falta de respeito na sala de aula:

Muitos problemas de indisciplina têm origem na questão do desrespeito. Com frequência, a indisciplina é uma manifestação de coeficientes de poder não adequadamente equacionados; só que nossos alunos não vão, evidentemente, levantar a mão e argumentar: "Professor, gostaria de pôr em questão nossa relação, tendo em vista a percepção de que entramos num processo de reificação, onde minhas potencialidades ontológicas e epistemológicas estão sendo subestimadas" [...]Diante da queixa da violência do aluno, precisaríamos refletir: quer violência maior do que a negação da esperança, a negação de um futuro melhor a que o aluno, especialmente das escolas públicas, está submetido? Se queremos enfrentar a questão da violência do aluno, com certeza o caminho não é usar outra violência ou ser conivente com ela. (VASCONCELOS, 1996, p. 245).

Compreendemos, segundo Vasconcelos (1996), a (in)disciplina do aluno é a resposta que ele dá a algo que não compreendeu ou aceitou, e por não saber questionar como deveria, muitas vezes, tem uma reação que para o professor trata-se de uma má conduta, ou mau

⁴ Não sabemos o que, de fato, significa esse “falar algo sério”, advindo do discurso da gestora, em razão de não ter sido investigado nesse estudo. (GRIFOS DO AUTOR).

comportamento, falta de respeito. Não trata-se de diminuir ou amenizar as atitudes indisciplinadas do aluno e sim de conseguir entender os motivos destas condições, para que o próprio professor possa refletir sobre sua postura, que não deve ser a de revidar ou reagir no mesmo nível do aluno, nivelando-se, apresentando, provavelmente, descontrole emocional ou psicológico, falta de amadurecimento, quando, de fato, não seria essa a forma mais adequada de (re)agir em sala de aula ou fora dela.

Então, esse é um dos questionamentos e inquietações da própria gestora, a respeito dos problemas de (in)disciplina na Escola; rever a sua postura enquanto Gestora, e o posicionamento também dos professores frente a esses problemas, a fim de buscar alternativas de controle e de discussão significativa para minimizar estes problemas, com profissionais voltados para o trabalho docente vinculado à afetividade.

3. Para você o que é mais importante no combate a essa indisciplina?

“Aqui no Modelo, a gente usa muito o diálogo com todo mundo, é que nem eu disse a você no início, quando eu vou em ‘socorro’ do conselho tutelar é em última instância, que a gente não tá, não resolve vamos dizer assim né, porque a gente conversa muito, a gente tenta resolver no diálogo professor aluno, a gente senta, chama os pais na escola, uma medida que eu tomei na Escola, por exemplo: o aluno é, eu recebi um aluno do quinto ano, que ele chegou na sala de aula e falou assim:— Professora hoje eu não vou fazer nada, eu vou dormir. Aí a Professora me chamou e disse: — Diretora, fulano disse que hoje não vai fazer nada, que ia dormir, e ele tá dormindo. Aí eu chamei ele junto com a coordenadora, a gente sentou. Conversei com ele, perguntei o porquê, e ele disse: — Porque eu não quero! Bem, então você vai fazer o seguinte, se você quer dormir você vai para casa dormir e amanhã você me volta aqui com o seu pai, pra gente conversar e eu entender porque que você não dormiu e você tá querendo dormir na Escola né. É o meio que a gente encontrou pra ver se a gente traz esses pais pra escola, e eles saibam porque que tá acontecendo isso. Aí ele foi pra casa sem problema, foi pra casa, depois a madrasta, que ele é criado pela madrasta dele, ela veio e a gente conversou e passou pra ela o que tava acontecendo, porque uma criança na Escola ele não ia dormir né, a escola não é feita pra dormir, então a gente consegue fazendo isso, “oh você vai, amanhã você vem com sua mãe que a gente tá precisando conversar com ela, para saber o que tá acontecendo” porque tem a questão do Bolsa família e os pais se preocupa “ah tá faltando”, Bolsa família, eles acham que o aprendizado do aluno não é importante, mas o Bolsa família é! Então tem que estar lá, tá entendendo? Então, o fato deles, quando manda para casa que tem que vir, porque sabe que ele (o aluno) vai levar falta então a preocupação não é com o aprendizado, mas em perder o Bolsa família, mas a gente tá conseguindo dessa forma, porque não vão ter justificativa para dar naquela falta”.

Segundo a gestora, o diálogo encontra-se em primeiro lugar como o mais importante nesse combate, na boa convivência. Recorrer ao Conselho Tutelar da Cidade está em última instância, e só ocorre quando já não está sendo possível conter a situação, antes disso, conversa-se com os alunos e os professores, quando não resolve aciona os pais, ofertam suspensões, advertências, em caso de mesmo assim não resolver a situação é que recorre ao Conselho. Dentro dessas situações, Ela afirma a problemática de trazer os pais à escola. Os pais só comparecem quando sentem o risco de perder o benefício social (Bolsa Família), que somente é destinado às famílias a partir do acesso garantido pelos pais de seus filhos estarem na escola. Assim, costumam comparecer no momento em que sentem o risco de perda do benefício, esta medida, segundo a gestora, foi a saída de emergência para alcançarem a meta da família na Escola mesmo ainda não alcançada completamente como desejam.

A escola necessita, sim, praticar o “amorismo” no ambiente educacional, para que se possa retomar a plena harmonia no espaço escolar, de modo que possa favorecer o desenvolvimento dos alunos/filhos. Assim como também possa oportunizar outras formas de garantir o aprendizado, considerando que o professor é, de fato, o protagonista de sua sala e, dessa forma, precisa ser um dos conhecedores da realidade de seus alunos, não só na teoria, mas que isso seja transportado para a sua prática pedagógica.

Podemos ver nas palavras de Fraga (2018):

O “amorismo” leva em conta a cultura, a realidade e o potencial de cada aluno, considerando que toda pessoa traz consigo qualidades e habilidades que podem ser úteis aos demais; cabe à escola explorar esse potencial e incentivar os discentes a serem bons cidadãos. É necessário que os discentes sejam inseridos em ambientes aconchegantes, que promovam seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, fazendo com que as influências do ambiente sejam positivas, ligando assim o lado humano e afetivo dos envolvidos nas relações de harmonia no ambiente escolar (FRAGA 2018, p. 102 - 101).

Desse modo, compreendemos que para a absorção de conteúdos há uma necessidade de humanização da sala de aula que compete ao professor, e que ele, antes de qualquer outro protagonista desse processo, entenda que essa humanização perpassa por todo e qualquer conteúdo, inclusive a própria ludicidade no caso da modalidade de Educação Infantil.

4. Em sua experiência, quais motivos levam os alunos a serem indisciplinados?

“Além do que já foi dito anteriormente, também a questão da necessidade e a falta de afeto já desde a família e essa necessidade também dentro da escola”.

É notável a percepção da gestora quanto a necessidade do afeto na relação professor/aluno e aluno/professor, como também fica nítida essa carência advinda do espaço familiar, a maioria oriundos de famílias desestruturadas, que não demonstram afeto pelos filhos e muito menos por suas necessidades. É como se a Família ignorasse que o afeto fosse de primordial importância na vida das crianças, seja no contexto familiar, escolar, da igreja e outros, isto é, o afeto está ou deve estar presente em todos os espaços sociais nos quais a criança interage.

Percebemos, ainda, certo entrosamento da gestora com a vida de seus alunos, Ela busca, conhecer e entender a realidade deles, os modelos, as tribulações enfrentadas pelos alunos enquanto crianças. Ela tenta, também, reconstruir a participação dos familiares na vida das crianças, tenta mostrar a importância de seu papel enquanto família. Foi de grande relevância o seu interesse e preocupação para que essa pesquisa pudesse se concretizar. E, é nessa direção, que percebemos que essa gestora tem consciência da relevância da afetividade dentro das relações escolares, como sendo uma das alternativas de tentar resolver, ou minimizar alguns dos diversos problemas existentes na escola.

Para refletir um pouco mais sobre a afetividade nas relações, trouxemos Maturana 2002, quando afirma que:

[...] Quando nosso trabalho docente é permeado de vínculos afetivos com os alunos, percebemos que as coisas fluem melhor, o ambiente se torna mais equilibrado e oportuno de aprendizagens mútuas por parte dos alunos e também do educador. O amor faz do outro alguém legítimo na convivência, e interações recorrentes do amor ampliam e estabilizam a convivência; já as interações vindas da agressão interferem e rompem a convivência (MATURANA, 2002, apud FRAGA, 2018, p. 96).

Sendo ainda mais realista, em Fraga (2018):

Muitas vezes o professor se diz disposto a ensinar apenas a quem quer aprender, mas é necessário lembrar daqueles alunos que não são atendidos neste critério; para estes um olhar especial faz toda a diferença, pois trabalhando o que ele desperta em potencial, por meio da compreensão e carinho, fará com que o aluno leve consigo lições de vida, e mesmo que decida no futuro ter uma profissão que não necessite de diploma acadêmico, por exemplo, ele terá requisitos essenciais para viver harmoniosamente em sociedade. (FRAGA 2018, p. 103).

Ao refletirmos sobre o que Fraga nos diz, quando traz para essa discussão algo que merece uma maior ponderação a qual questiona: como pode o professor ensinar a só quem quer aprender? Pois compreendemos que não existem alunos que querem aprender e outros, não. A nosso ver, os alunos vêm para a escola para aprender, talvez falte ao professor pensar no papel da escola e no seu papel como educador. Muitos são os fatores que levam uma criança a se dispersar em sala de aula, para isso, é preciso que o professor esteja atento a essa questão e, não simplesmente ignore, como se nada estivesse acontecendo em sua sala de aula. Seu compromisso vai além, mesmo que não consiga resolver, ao menos deve tentar.

5. A escola, por seu intermédio, como gestora, se disponibiliza a desenvolver uma Proposta de Ação/Intervenção na qual possamos, enquanto pesquisadora, buscar contribuir para rever e ao mesmo tempo, minimizar ou diminuir a questão da (In)disciplina?

“Com certeza minha filha! Tudo que vem para nos ajudar é de grande valia que nem diz a história!”

A gestora, em seu discurso, afirmou com certa humildade, confiança e abertura “admirável”, quando disse: “Com certeza minha filha! Tudo que vem para nos ajudar é de grande valia [...]”. Sua resposta nos fez crer que há abertura para que a Universidade possa dar a sua contribuição, de modo que se dispõe em aprender e enriquecer o que vem a contribuir com a escola que ora administra. Isso é muito positivo e significativo.

Associado a isso, compreendemos que existe a vontade de a escola desenvolver um projeto de ação/intervenção que, de início, se apresentará em forma de proposta de trabalho com professores, pais e a escola como um todo, para minimizar ou diminuir as consequências e os casos relacionados à indisciplina dos alunos da Escola.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer considerações sobre este trabalho, faz-se necessário retomar o seu objetivo geral, que foi o de investigar como a gestão escolar trata os vínculos afetivos no interior da escola para minimizar a (in)disciplina na E. M. E. F. – Modelo - no município de Areial – PB. Foi possível entender a necessidade de estabelecimento de vínculos afetivos entre os docentes e os discentes; ficou bastante visível a indiferença e frieza por parte dos professores nas relações com os alunos em sala de aula, mostrando-se despreocupados com aspectos que envolvem os mesmos, o que reforça a necessidade de fortalecer vínculos para estabelecer o respeito do aluno para com o professor, o que, infelizmente, segundo a Gestora, deixou de existir.

Nessa direção, também se objetivou analisar a indisciplina a partir da visão da Gestão escolar, como também suas causas e consequências na aprendizagem e no trabalho docente. Diante disto, foi possível perceber que o trabalho alcançou de maneira efetiva esse objetivo, pois a partir do discurso apresentado pela gestora, conseguiu-se entender que a causa de modo geral está na ausência desses vínculos afetivos desde a família até a sala de aula. Para uma melhor análise e compreensão da realidade buscamos o auxílio de teóricos que nos conduziram a uma compreensão mais aprofundada acerca da afetividade nas relações de sala de aula, e de como a sua ausência pode modificar e interferir no desenvolvimento da aprendizagem, cognitivo, motora e conseqüentemente nas relações de ensino-aprendizagem entre docente e discente, e mais ainda na disciplina do aluno em sala de aula.

No segundo objetivo específico, idealizou-se discutir a importância da afetividade na construção de um ambiente tranquilo e favorável para a boa aprendizagem cognitiva e social na escola. E foi a partir da fala da gestora, quando afirmou valorizar o diálogo e a boa conversa na resolução dos problemas com indisciplina, que identificamos o alcance desse objetivo, pois percebemos em seu discurso a compreensão e valorização da afetividade nas relações, e no espaço escolar, sem julgamentos, sem censuras à fala dos alunos, sem limitações e fronteiras entre o professor e o aluno; porém, um obstáculo maior foi detectado, apesar de sua consciência, tudo permanece no discurso. Não há problemas com relação à formação de professores, mas há na efetivação de um bom trabalho partindo da afetividade, pois não é proporcionado a estes professores, momentos como palestras com profissionais bem envolvidos na temática, encontros com as famílias também não são realizados para conscientização da importância do afeto para amenizar a indisciplina na Escola. Não basta falar que sabe e que entende, mas é de grande valia a busca por mais informações nesta direção.

Por último, o terceiro objetivo específico, estabeleceu-se a compreender e considerar propostas de intervenção na escola através do trabalho voltado à afetividade. Nesse ponto, tivemos êxito pois, a Gestora em suas palavras demonstrou abertura e desejo por participar e buscar novas perspectivas de trabalho e de vivência para a Escola Modelo, voltadas para a afetividade no combate à indisciplina.

No entanto, essa pesquisa, a nosso ver, contribuirá para a formação continuada na escola, a partir de um trabalho que poderá ser desenvolvido, por meio da apresentação desse trabalho na própria escola, junto a uma proposta de trabalho relacionada às reflexões que foram desenvolvidas nesse estudo com a docente/pesquisadora.

Esse trabalho também proporcionou à pesquisadora uma ampliação de conhecimentos a respeito da afetividade, que acabou sendo tratada junto à questão da Indisciplina na escola. Todavia, faz-se necessário a compreensão da Gestora a respeito da necessidade do afeto, da amorosidade, nas relações no interior dessa Escola, tida como Modelo no município de Areial – PB, como maneira de minimizar os problemas causados pela indisciplina em sala de aula e na escola.

Para isso, esse estudo comprometeu-se com o desenvolvimento de uma tímida, mas séria proposta de ação/intervenção no contexto da escola, conforme plano de ação em anexo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.

Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

FRAGA, C. C, DECARLI, C: Amorismo: visualizando a afetividade no espaço escolar através dea visão discente. Instituto Ivoti: Ensino Superior. Licencia e acturas, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, Regina Leite. A Formação da Professora Alfabetizadora. Reflexões sobre a Prática. São Paulo – SP: Editora Cortez, 1996.

GERÔNIMO, A. P, BRIZACCO, R.M.L.C: Importância do Desenvolvimento afetivo no processo educativo. v.5. Janus, Lorena, 2008.

LIMA, A.B, PRADO, J.C, SHIMAMOTO, S.V.M: Gestão democrática, gestão gerencial e gestão compartilhada: novos nomes velhos rumos. Disponível em: <http://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0069.pdf>, Acesso em: 27 de maio de 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUCK, H. Liderança em gestão escolar. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARCHANDI, M.A: A afetividade do educador. São Paulo: Summus; Maringá: UEM, 1985.

MATURANA, R.H. Emoções e linguagens na educação e na política. 3 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TASSONI, E.C.M: Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno.2011.

VASCONCELOS, C. Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola. 227-252. 1996. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p_227_252_C.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

WADSWORTH, B.J: Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, pela paciência, capacidade e discernimento concedidos em todos os momentos da minha vida.

À Professora, Dr.^a **Soraya**, coordenadora do curso de Pedagogia por sua dedicação e empenho.

À Professora, Dr.^a **Socorro** Moura Montenegro pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À Professora, Me. **Senyra**, pelos ensinamentos ao longo do curso.

Aos meus pais **Samuel** e **Gildete**, por todo amor, dedicação e confiança.

A todos os meus familiares, irmão, cunhada, sobrinhos, tios, avós, em especial a minha Tia Jusélia Martins por todas as noites que me permitiu dormir em sua casa durante os dois primeiros anos de curso e pela motivação em suas palavras.

À minha filha Maria Teresa, inspiração, alegria, amor e motivação de todos os dias.

Ao meu amado esposo Eduardo, companheiro fiel de todas as horas;

A todas as amizades dentro e fora do curso, guardadas para o resto da vida, em especial Gabriele e Carla, por todo apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos.

A todos estes o meu carinho e a minha gratidão!

ANEXO

PROPOSTA DE AÇÃO/INTERVENÇÃO

A partir dos resultados dessa pesquisa, como professora/pesquisadora apresento uma proposta de ação/intervenção com a intenção de minimizar os problemas relacionados à indisciplina com base na afetividade, para poder contribuir, de uma forma ou de outra, com a gestão da Escola, de acordo com a sua permissão e abertura.

Dessa forma, propomos que a Escola realize:

- A cada dois meses, reuniões com professores para discutir sobre afetividade e amorosidade, presente nesse estudo, como também refletir sobre as especificidades de cada caso no interior das salas de aula e as possíveis ações de melhoria através da proximidade afetiva dos professores;
- A cada dois meses, reuniões com os pais e/ou responsáveis, para tratar sobre a importância da afetividade e amorosidade por parte das famílias dos alunos, no combate a indisciplina dentro e fora da escola; assim como para avaliar, de forma séria e comprometida com os Pais e Professores, acerca de como estão os filhos e alunos se comportando no contexto familiar e escolar;
- Palestras sobre amorosidade em sala de aula, a partir de meu trabalho, de modo que se busque ajuda, tanto de profissionais da área pedagógica, como de profissionais de áreas afins, como é o caso da Psicologia, Serviço Social e outros, para que se possa compreender a relevância do afeto para um convívio saudável entre docente, discente e toda comunidade escolar envolvida;
- Organizar um momento entre alunos, professores e pais para que eles possam socializar os conhecimentos oportunizados pela escola, de maneira que, os três se imaginem uns no lugares dos outros;
- Trazer à tona a questão da amorosidade para mostrar aos pais e professores a necessidade do amor entre eles e que isso tem a ver com questão da (in)disciplina e do respeito por parte também de ambos. Para isso, podemos recorrer a brincadeiras, músicas, mensagens de pais e professores para alunos e vice-versa, dinâmicas, fotografias espontâneas dos alunos e dos professores, momentos para se fotografarem, confecção de cartazes com mensagens.

❖ Metodologia

A escola precisa planejar essas ações de modo que leve a Comunidade Escolar a ter e sentir credibilidade no trabalho da Escola, e como sugestão, incluir no planejamento essas ações que podem ser realizadas em dias da semana e/ou pelo menos, um dia da semana, de maneira que a cada dia se trabalhe uma ação diferente, como, por exemplo:

- **SEGUNDA-FEIRA:** iniciar o dia letivo e/ou a semana com uma dinâmica abordando a importância do ser aluno, do ser professor, do ser gestor, do ser vigia, do ser merendeira, do ser pai, associado à temática do valor, relacionado ao juízo de valor Respeito, de uma forma geral, onde trata do RESPEITO AO SER HUMANO e nessa direção incluímos o Respeito na escola e fora dela: com os pais, colegas, professores, diretores, vigias, merendeiras e todos que fazem parte da escola, de modo que se oportunize um clima de harmonia entre todos;
- **TERÇA-FEIRA:** sugerimos esse dia, mas pode ser qualquer outro dia, de conformidade com a necessidade e disponibilidade da escola para, desse modo, denominar o dia da fotografia, pedir que venham do jeito que preferirem, com a roupa que desejarem com algum objetos considerados importantes para ambos para se fotografarem juntos, e expor os motivos pelos quais esses objetos possuem tal significado;
- **QUARTA-FEIRA:** confecção de cartazes ou cartões com mensagens e dedicatórias feitos por Professores, Alunos, Gestor, Merendeira, Vigia, Pais e/ou outros, de maneira que demonstrem sentimentos uns pelos outros dentro e fora da sala de aula ao som de músicas ou o que preferirem;
- **QUINTA-FEIRA:** apresentação e leitura das mensagens e dos cartões entre abraços e agradecimentos;
- **SEXTA-FEIRA:** pode haver, de comum acordo, a cooperação para o oferecimento de um lanche muito simples dentro da sala de aula, com reflexão a cerca de imaginar se o aluno fosse o professor e se o professor fosse o aluno? O que fariam ambos para que a sala de aula fosse mais feliz com aprendizado e afeto juntos em um mesmo lugar?